

# Woody Allen— um Poço de Neurose

**R**APAZ FRANZINO e esguio, de cabelos avermelhados e des-penteados, êle espreita mionalmente através de óculos de tartaruga, com a expressão desconsolada do derrotado de nascença.

—As pessoas esquecem-se de mim até mesmo enquanto estão-me apertando a mão—lamenta-se êle.

Êste é Woody Allen, que, aos 31 anos, tornou-se, espantosamente, o *Wunderkind* dos espetáculos de revista dos Estados Unidos.

Uma peça que escreveu, chamada *Don't Drink the Water*, provocou 500 gargalhadas em sua noite de estréia na Broadway, em novembro de 1966, e lhe está rendendo agora cêrca de 3 500 dólares semanais em direitos autorais. Para um filme japonês, reintitulado *What's Up, Tiger Lily?*, êle introduziu, na dublagem, diálogos malucos em inglês que não tinham qualquer relação com o incompreensível enrêdo nipônico—e ganhou 75 000 dólares. Êle aparece freqüentemente em espetáculos de TV, a 10 000 dólares por apresenta-



Êle só tem  
dissabores . . . e talento.

Essa combinação  
tornou-o rico, famoso  
e muito engraçado



ção, e embolsou 25 000 dólares por semana como atração principal em Ceasars Palace, luxuoso centro de diversões em Las Vegas. Além disso, estreou dois filmes de sucesso, *O que é que Há, Gatinha?* (que também escreveu) e *Casino Royale*, o mais recente filme de James Bond. Fêz também dois álbuns de discos e tem escrito artigos humorísticos para *New Yorker* e outras revistas.

O sucesso não poderia ter atingido pessoa mais improvável do que esse neurótico introspectivo de 1,68 m, que pesa 57 quilos.

—Não sou tão normal como pareço—observa Woody.

Ele ingressa no círculo de luz do refletor de uma boate com todo o entusiasmo de um homem que se encaminha para o seu carrasco. Mas, chegando lá, a platéia desperta a fera em seu peito côncavo. Em um frenesi de associações vagas, êle cataloga suas desgraças: as atribulações do homem humilde acochado pelo mundo hostil, espezinhado por parentes grotescos, arruaceiros sádicos e aparelhos perversos.

—Acho que minha família não gostava de mim—confessa êle.—Puseram um ursinho *vivo* no meu berço.

Rapaz fraco e sensível, nunca foi muito dado a esportes. Era frequentemente intimidado pelos companheiros maiores.

—Quando os outros garotos vinham a saber meu nome, que era Allen Stewart Konigsberg, êles me batiam. Por isso, eu dizia que meu

nome era Frank, mas êles me batiam assim mesmo.

Esta mistura de agonias pode parecer loucura, mas, segundo Woody, grande parte é baseada na realidade. Êle nasceu e foi criado em Brooklyn, onde freqüentou a escola e odiou cada momento que passou lá. Os Konigsberg (seu pai é um gravador de jóias) eram pobres e freqüentemente moravam com parentes, por causa da dificuldade de moradia durante a guerra.

—Quando menino, eu tinha vergonha de usar óculos. Fui a um optometrista; êle dizia as letras e eu respondia certo ou errado.

O rapaz melancólico, de olhos de coruja, refugiou-se no mundo de fantasia dos livros cômicos e imaginava-se um vaqueiro ou um mágico.

—Queria ser também um agente federal, mas você precisa ter 1,70 m de altura e uma visão perfeita—relembra êle.—Depois, entretive a idéia de ser um mestre do crime, mas você precisa ter 1,70 m de altura e uma visão perfeita para isto também.

As fantasias e os livros cômicos despertaram o senso de humor latente em Woody e êle começou a escrever piadas e a enviá-las aos colonistas com publicação em cadeias de jornais. O agente de publicidade Dave Alber notou as piadas de Woody Allen aparecendo com regularidade, procurou o humorista tão amplamente citado e, para seu espanto, descobriu que êle era um garoto de ginásio de Brooklyn, magri-



cela, de 17 anos. Alber contratou-o imediatamente e o pôs a fabricar frases espirituosas para clientes, como os chefes de orquestra Guy Lombardo e Sammy Kaye, e o professor de danças de salão, Arthur Murray. Todo dia, logo que acabavam as aulas, Woody dirigia-se para o metrô. Quando chegava ao escritório de Alber, geralmente tinha metade de sua cota de 50 piadas já escritas.

—Eu vibrava—relembra Woody. —Pensava estar no coração do teatro de revistas.

Ainda no ginásio, Woody começou a escrever para o rádio e televisão. Aos 21 anos, tinha ganho um prêmio por escrever a melhor comédia do ano, um programa especial de Sid Caesar, e era um dos escritores de televisão mais bem pagos.

Mas sempre lhe aconteciam coisas tragicômicas.

—Uma vez, quando eu estava sendo processado, tentei dar uma gorjeta ao oficial de justiça—relembra êle. —Outra vez, os ladrões varejaram meu apartamento: não tiraram nada; deixaram um aparelho de televisão extra.

Uma noite, mencionou alguns desses contratemplos malucos aos seus empresários, Jack Rollins e Charlie Joffe. Quando deu pela coisa, estava fazendo um teste para ser êle mesmo um comico.

Embora aterrorizado, Woody abandonou seu emprêgo de 2 000 dólares por semana como escritor, para fazer uma experiência, de graça, num lugar obscuro em Greenwich Villa-

ge, chamado “Upstairs at The Duplex”. Na primeira noite, ficou em tal estado de pânico que seus empresários tiveram de empurrá-lo para o palco. As palavras saíram-lhe num sussurro estrangulado. Entre outras coisas, Woody contou como êle e sua mulher tinham-se separado.

—Durante algum tempo, consideramos se tirávamos umas férias ou se nos divorciávamos—disse êle.—Decidimos que uma viagem às Bermudas acaba em duas semanas, mas um divórcio é algo duradouro. Com o divórcio, entretanto, minha mulher obteve absolutamente tudo. Se eu me casar novamente e tiver filhos, ela ficará com *êles*.

Woody ainda relembra com horror o início de sua carreira de ator.

—Era angustiante—diz êle.—Eu passava o dia inteiro tremendo, pensando naquilo. Quando ninguém ria, eu tinha vontade de morrer.

Mas, aos poucos, o número pegou. Woody passou a trabalhar em boates maiores e seu salário passou para 1 000 dólares por semana. Apareceu no Jack Paar Show, o que provocou sua participação em outros programas de televisão importantes. Aí, o produtor cinematográfico Charles Feldman assistiu, por acaso, ao seu número no antigo Blue Angel, e de repente Woody encontrou-se em Paris, escrevendo um filme, *O que é que Há, Gatinha?* Com uma audácia que não lhe é peculiar, o tímido brooklynense começou a escrever um papel para si mesmo.

—Eu acabava casando com Romy



Schneider na segunda, na terceira e na décima segunda versões, mas não na versão final—diz Woody.—Peter O'Toole, alto e bonitão, acabou ficando com ela. Isto não foi absolutamente motivado pela lógica.

O filme foi recebido com pouco entusiasmo pelos críticos, mas tem sido espetacularmente popular e, por conseguinte, bastante lucrativo, tendo atingido até agora uma renda bruta superior a oito milhões de dólares.

Aparentemente, existe alguma coisa na personalidade, ou na falta de personalidade, de Woody Allen com que as pessoas sentem afinidade. Talvez seja simplesmente porque o sofrimento adora companhia. Num mundo atribulado, onde quase todos estão tentando superar suas ansiedades, Woody parece relaxar e deleitar-se com as suas. As pessoas não apenas se divertem ouvindo-o, como escrevem para êle, ou o param na rua para lhe contarem suas próprias atribulações e reveses.

Apesar das fascinantes recompensas do sucesso, Woody não faz muita diferença do rapaz nervoso que piscava os olhos, que surgia da mais obscura parte do Brooklyn.

—Agora, eu apenas fracasso com mulheres de uma classe superior—graceja êle.

Êle e sua segunda espôsa, Louise, uma bonita atriz com quem se casou o ano passado, moram num desprezível apartamento duplex, perto de Park Avenue, em Manhattan. Êle se veste com simplicidade, geralmente com roupas amassadas de veludo

cotelê. Não fuma nem bebe, nem mesmo toma um analgésico ou usa óculos escuros, com receio de que lhe destruam sua visão proveitosamente aloucada do mundo.

Ao invés de livros cômicos, o que hoje considera diversão é enroscar-se com um volume de Kafka, Nietzsche ou Kierkegaard. Também pinta e toca clarinete, mas a maior parte do tempo trabalha, compulsivamente, produzindo piadas, peças e cenários em sua máquina de escrever elétrica.

Êle ainda tem horror a representar. Mas, enquanto que antigamente costumava enrolar-se no microfone, como se se agarrasse a êle buscando apoio, agora remove o microfone do suporte e anda pelo palco freneticamente, à proporção que as piadas jorram—“constantemente, incessantemente, implacavelmente”, como observou, estupefato, o crítico Jack O'Brien.

Enquanto êle antigamente refletia sôbre as excentricidades de sua infância, de sua família e de sua vida escolar, agora lança-se em vôos de imaginação sôbre sua mina de prata, que está ficando oxidada. Ou sôbre um cantor esquimó que canta *Night and Day* seis meses de cada vez. Ou sôbre os 12 condenados, acorrentados juntos pelos tornozelos, que escaparam de uma leva de forçados fazendo-se passar por “uma imensa pulseira de berloques”.

Entrementes, sua existência continua a ser um exemplo da vida imitando a arte.



—O sucesso não me tornou mais seguro—diz êle.—Por exemplo, eu ficava angustiado comprando um terno numa loja. Agora, mando fazê-los sob medida, mas não sei lidar com o alfaiate. Agora posso andar de táxis, mas também não gosto de ficar sentado naquele recinto fechado com uma pessoa estranha! Por

isso inventei uma defesa. Dou gorjetas nababescas. Aí sinto que, quando me afastar do táxi, não serei metralhado.

Talvez seja até bom que Woody permaneça infeliz e inseguro. Se êle obtivesse segurança, poderia perder o melancólico encanto que o tornou rico, famoso e filósofo.



### *Reta de Chegada*

DOS JOGADORES supersticiosos que freqüentavam o prado de Tijuana, Jack Dempsey se recorda de uma senhora que só apostava em cavalos cinzentos. Era a mãe dêle, Sr.<sup>a</sup> Cecilia Dempsey. Um dia, evoca Dempsey, sua mãe ainda estava gritando quando todos os outros aplausos já haviam cessado.

—Que é que a senhora está gritando?—perguntou êle.—A corrida já acabou.

—Eu sei—disse ela.—Mas o meu cavalo ainda não chegou.

—Toney Betts, em *Mirror* de Nova York



### *Por Escrito*

UM CONHECIDO pregador tinha um livro prêto especial com a etiqueta “Queixas de Membros uns Contra os Outros”. Quando alguém de sua congregação lhe falava nos defeitos de outrem, êle dizia:

—Aqui está o meu livro de queixas. Vou escrever o que você está dizendo, e você pode assinar. Depois, quando tiver tempo, cuidarei oficialmente da questão referente a êsse irmão.

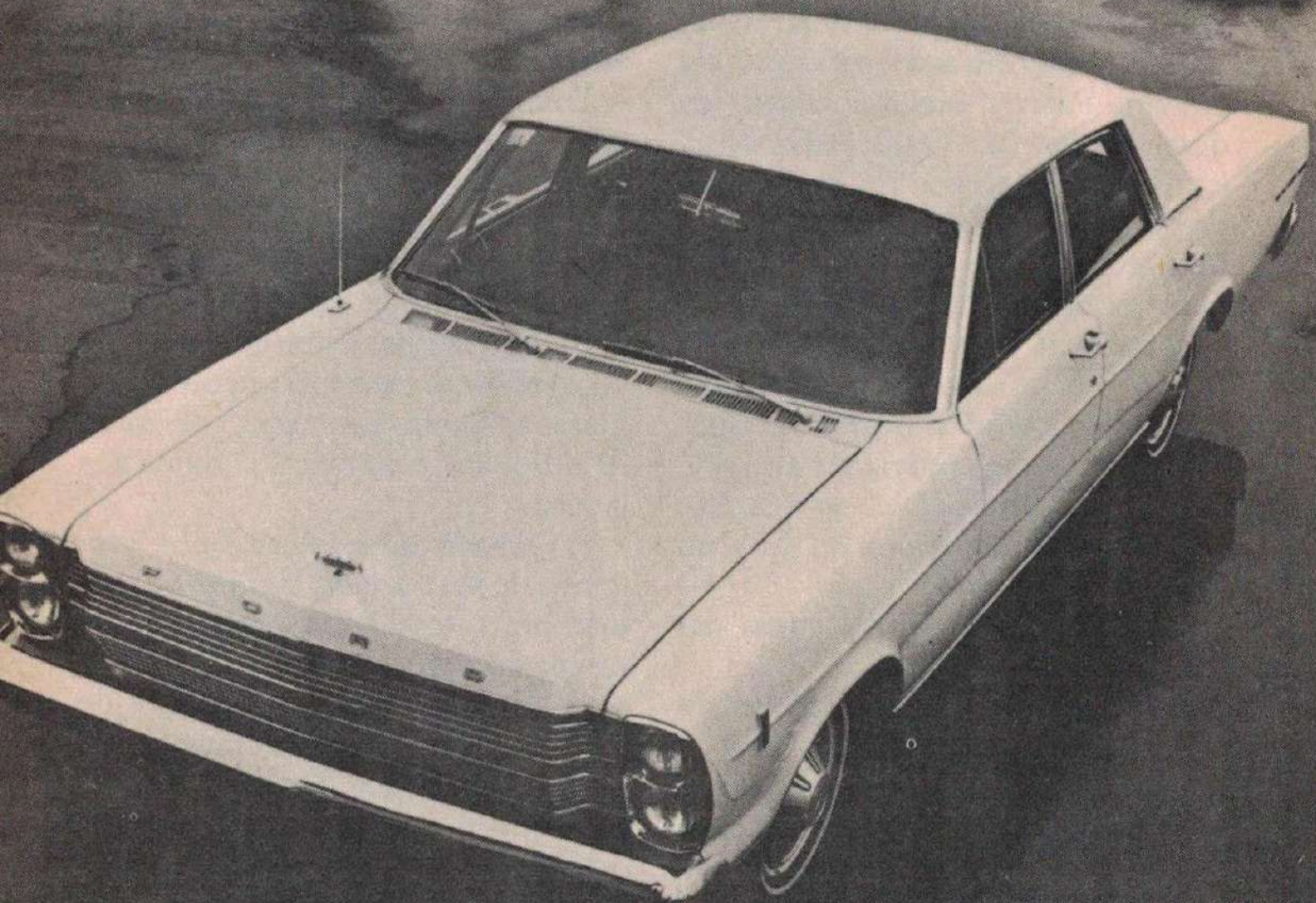
A visão do livro aberto e da pena pronta tinha seu efeito.

—Oh, não, eu não poderia assinar uma coisa assim!—dizia a outra pessoa.

Em 40 anos êsse pregador nunca conseguiu fazer ninguém escrever uma única linha no livro.

—*Voice of Truth*





## americano ou brasileiro?

agora, os automóveis gálexie saem da ford com esta frase no vidro traseiro: feito no brasil por brasileiros. isso é para fazer o cartaz do produto nacional, elogiado pelo mais famoso estilista de automóveis da europa, hoje em dia, nuccio bertone. ele disse que o acabamento do gálexie brasileiro é melhor do que o "made in usa". é também para evitar que o gálexie nacional seja confundido com um importado. além do elogio do bertone, o gálexie brasileiro tem outras vantagens - preço e garantia de 20.000 km ou 12 meses. a ford tinha muita razão ao dizer que o gálexie colocou o brasil em dia com o que há de melhor na indústria automobilística internacional.

**Ford Gálexie**

